



## A ESSÊNCIA DO PATRIMÔNIO NA CONTEMPORANEIDADE: DOIS ESTUDOS DE CASO

**NERY, Samantha de Oliveira (1); CASTRO, Laura Penna (2)**

1. Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Doutorado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. Escola de Arquitetura da UFMG - Rua Paraíba 697, sala 201. Cep. 30130-140, Belo Horizonte, Minas Gerais.  
E-mail: samnery@gmail.com

2. Gustavo Penna Arquiteto & Associados - Av. Álvares Cabral, 414, Cep.30.170-000, Belo Horizonte, Minas Gerais.  
E-mail: laura@gustavopenna.com.br

### RESUMO

O presente trabalho analisa dois casos distintos, nos quais se avalia a supressão de edificações pré-existentes inseridas em centros urbanos dinâmicos: Barcelona e Belo Horizonte. Questiona-se como resgatar a essência do patrimônio, respondendo às demandas contemporâneas e considerando seus significados associativos, segundo a Carta de Burra e outros estudos. Em Barcelona, ocorreu recentemente a redescoberta e preservação de uma parcela de sua antiga muralha romana do século III, com a supressão de alguns edifícios, promovendo reflexões sobre o papel desse patrimônio e seus usos potenciais para os diferentes atores sociais envolvidos. Esse processo é comparado com o caso do Conjunto Sulacap-Sulamérica, em Belo Horizonte, no qual há muito foi construído um anexo que descaracterizou o projeto inicial, dando início à questionamentos sobre a sua possível supressão e suscitando também discussões relativas ao significado atual dos usos desse patrimônio dentro do contexto urbano. Dessa forma, busca-se apreender o que seria a essência de um patrimônio e quais os significados dos usos contemporâneos podem ser proporcionados por esses bens.

**Palavras-chave:** essência patrimonial; conservação patrimonial; Carta de Burra; muralha de Barcelona; edifício Sulacap-Sulamérica

### ABSTRACT

*The present work analyzes two different cases, in which the suppression of pre-existing buildings inserted in two dynamic urban centers is evaluated, in Barcelona and in Belo Horizonte. It is questioned how to rescue the essence of heritage, responding to contemporary demands and considering their associative meanings, according to The Burra Charter and other studies. In Barcelona, the rediscovery and preservation of part of its ancient Roman wall from the 3rd century has recently occurred, with the suppression of some buildings, promoting reflections on the role of this heritage and its potential uses for the different social actors involved. This process is compared to the case of the Sulacap-Sulamérica Complex, in Belo Horizonte, in which an annex was built a long time ago, which mischaracterized the initial project, raising questions about its possible suppression and also initiating discussions regarding the current meaning of the uses of this heritage within the urban context. Thus, it seeks to apprehend what would be the essence of a heritage and what meanings of these contemporary uses can be provided by these assets.*

**Key words:** heritage essence; heritage conservation; The Burra Charter; Barcelona wall; Sulacap-Sulamérica building

## **RESUMEN**

*El presente trabajo analiza dos casos diferentes, en los que se evalúa la supresión de edificaciones preexistentes insertadas en núcleos urbanos dinámicos: Barcelona y Belo Horizonte. Se cuestiona cómo rescatar la esencia del patrimonio, respondiendo a las demandas contemporáneas y considerando sus significados asociativos, según la Carta de Burra y otros estudios. En Barcelona se ha producido recientemente el redescubrimiento y conservación de parte de su antigua muralla romana del siglo III, con la supresión de algunos edificios, promoviendo reflexiones sobre el papel de este patrimonio y sus usos potenciales para los diferentes actores sociales implicados. Ese proceso se compara con el caso del Complejo Sulacap-Sulamérica, en Belo Horizonte, en el que hace mucho tiempo se construyó un anexo, que ha perdido la caracterización del proyecto inicial, iniciando interrogantes sobre su posible supresión y generando además discusiones sobre el significado actual de los usos de este patrimonio dentro del contexto urbano. De esta forma, se busca aprehender cuál sería la esencia de un patrimonio y cuáles son los significados de los usos contemporáneos que estos bienes pueden aportar.*

**Palabras clave:** *esencia patrimonial; conservación del patrimonio; Carta de Burra; muralla de Barcelona; edificio Sulacap-Sulamérica*

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história moderna, distintas concepções embasaram o processo de reconhecimento e conservação do patrimônio cultural, a partir de diversas linhas de pensamento que estabeleceram as diretrizes básicas relativas à sua definição, seus valores centrais, bem como os critérios de preservação dos bens patrimoniais. Uma das visões predominantes durante muito tempo foi delineada na Carta de Veneza (1964), baseada na valorização da arquitetura e da estética, com destaque para os exemplares que apresentassem alguma excepcionalidade, em geral de caráter monumental.

Ainda hoje, a despeito dos novos enfoques epistemológicos nesse campo de conhecimento, muitas dessas concepções ainda prevalecem. Nesse sentido, o valor de um patrimônio é compreendido como algo inerente a ele, de alguma maneira imutável com o transcurso do tempo, fixo. No entanto, essa acepção vem sendo relativizada com o entendimento de que o valor do patrimônio é dinâmico e variável, de acordo com a relação estabelecida entre os sujeitos e o bem em questão, e que este valor pode se modificar ao longo dos anos.

Alguns estudos realizados na Austrália, a partir dos anos 1970, foram responsáveis pelo desenvolvimento do conceito de “significado social” do patrimônio, concebido por Chris Johnston (2014) e outros autores. O país possui a *Australian Heritage Commission* (AHC) e o ICOMOS Austrália, além do *National Trust* – Conselho Nacional, que vêm abordando a gestão do patrimônio de uma maneira particular, considerando os diferentes valores atribuídos para seus objetos e sítios, em parte devido à sua própria configuração natural e à sua história. Estas instituições vinham enfrentando dificuldades para designar valores fixos a seus bens e sítios, o que propiciou uma série de estudos e novas definições mais abrangentes, no sentido de abarcar a amplitude e as particularidades do patrimônio australiano considerando, principalmente, o envolvimento de suas populações com esses bens.

Em 1973, o *Hope Committee of Inquiry* divulgou ideias inéditas que valorizavam as heranças australianas compartilhadas, o que incluiu seus espaços naturais, suas heranças aborígenes e um conjunto de sítios e bens que não eram, necessariamente, monumentais, mas que representavam com propriedade a identidade dos australianos e os valores associativos do patrimônio (JOHNSTON,

2014).

A prática modificou significativamente os conceitos de patrimônio, o que resultou na publicação da “Carta para a Conservação de Lugares de Significância Cultural”, a Carta de Burra, publicada em 1979, pelo Austrália ICOMOS. Este documento se tornou uma referência para inúmeros trabalhos e pesquisas na área do patrimônio em vários países do mundo, definindo-o de maneira ampla, muito além de monumentos e sítios excepcionais, uma vez que descreveu o significado cultural de um bem ou lugar como compreendendo seu “valor estético, histórico, científico ou social para as gerações passadas, presentes ou futuras”. Posteriormente, a Carta passou por pequenas revisões em 1981 e 1988, e uma revisão maior em 1999, resultando em sua última versão (The Burra Charter, 2013)

Na Carta (2013), o “lugar” é definido de maneira ampla, muito além da aceção tradicional de “monumentos e sítios”. A significância dos lugares ou bens se define especialmente a partir da associação, da relação dos sujeitos com estes bens. Conforme definição da ACH, “o significado social se constitui junto à comunidade e a seus valores e, devido à sua própria natureza, não se presta a análise do *expert*, na maneira como as avaliações dos valores históricos e arquitetônicos têm sido abordados”. (JOHNSTON, 2014). Logo, segundo Johnston (2014) o lugar é experienciado através da relação e seu sentido é, portanto, interno e afetivo: “a noção de conexão está sempre incorporada à noção de lugar, porque lugares são centros de significado criados através de processos e relacionamentos”.

Os valores descritos na Carta de Burra (2013) se dividem em duas categorias, a cultural e a sócio-econômica contemporânea. A categoria cultural inclui os valores de identidade, valores científicos e históricos, valores de raridade, valores estéticos e artísticos; já a categoria sócio econômica não possui subdivisões. Algumas dessas categorias serão avaliadas em cada um dos casos estudados.

Alois Riegl (1903), no início do século XX já havia apresentado um “olhar” inédito para o patrimônio, ao defender que os bens não tinham valor em si, mas que os valores são atribuídos aos bens pelo sujeito. Assim, os atributos materiais de um bem são relevantes, mas nem sempre exclusivos, pois existem “verdades subjetivas”, construídas conjuntamente com os predicados intersubjetivos que lhe são atribuídos, no envolvimento dos sujeitos. Partindo dessa concepção, o autor construiu um conjunto avaliativo de valores para os monumentos e obras de arte,

considerando a possibilidade de co-existência entre estes valores, que se desenvolvem de acordo com as necessidades materiais e espirituais dos seres humanos. São os valores estabelecidos nesta relação que refletem o significado e a importância do lugar/bem para a comunidade e, conseqüentemente, possuem a capacidade de reter seu caráter essencial. Desse modo, através da conservação e/ou resgate dos valores, acredita-se ser possível preservar a essência do patrimônio. Considera-se essa “essência” como sendo uma “concentração de nossas intenções, propósitos, atitudes e experiências” (RELPH, E. 1976, apud Johnston, 2014, p.41), ou seja, é algo muito significativo que está presente na relação de um ou mais grupos com determinado bem patrimonial.

Outra questão central do presente trabalho é discutir o que significa preservar a “essência” de um patrimônio, bem como compreender quais seriam os atributos que deveriam ser garantidos para a manutenção da integridade do bem na contemporaneidade, em contextos de fortes transformações. De acordo com Agamben

contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e ao mesmo tempo toma distância; é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que a esta aderem perfeitamente não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Dessa forma, o distanciamento do sujeito em relação ao tempo e ao bem é uma condição que permite a atualização contínua do seu significado. A distância possibilita uma certa clareza na compreensão, pois a proximidade e a aderência plena “ludibriaria” o olhar: “O contemporâneo é aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história [...]” (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Além desse aspecto, Choay (2011) apresenta alguns perigos potenciais com relação à perda dos valores e do significado dos bens, devido ao “consumo mercantil do patrimônio”, fenômeno que vem se espalhando pelo mundo e, frequentemente, vem destruindo os sítios classificados, “tanto pela elevação de necessárias estruturas de acolhimento (hoteleiras e outras) quanto pela eliminação de atividades criativas ligadas à cultura local e à sua identidade, em particular no caso dos países do Sul”. (CHOAY, 2011, p. 37). Na defesa contra essa mercantilização em curso, a autora propõe

Eu apenas evocaria três frentes da luta a ser travada: primeiro, a da educação e da formação; em seguida, a da utilização ética de nossas heranças edificadas (hoje mercantilizadas sob o vocábulo de 'patrimônio'); e, enfim, a da participação coletiva na produção de um patrimônio vivo (CHOAY, 2011, 39).

Algumas dessas "frentes de luta" foram visíveis nos estudos de caso tratados a seguir. Baseando-se nos conceitos de valores, conforme descritos na Carta de Burra (2013) e considerando-se que a essência de um patrimônio é algo dinâmico e, ao mesmo tempo, aderente às identidades e cultura locais - se discutem dois casos, nos quais a supressão de uma edificação pode (ou não) garantir a preservação do patrimônio e a manutenção de sua essência na contemporaneidade.

### **A MURALHA DE BARCELONA**

Os primeiros vestígios de povoamento em Barcelona remontam ao período neolítico, de 2.000 a 1.500 a.C. No século I a.C. a cidade, em sentido estrito, teria sido fundada pelos romanos, chamando-se *Barcino*. No século III, uma grande muralha foi construída para proteger a cidade de invasões e batalhas. Ao longo dos séculos seguintes, grandes parcelas da muralha foram destruídas e outras ocultadas pela construção de edificações. (PLA BARCINO, 2013).

Visando recompor a sua história, recentemente houve um processo de "redescoberta" da muralha romana, localizada no centro histórico urbano, em seu distrito mais antigo, chamado *Ciutat Vella* (Cidade Velha), parte do *Pla Barcino*. Desde os anos 1960, o Plano Geral Metropolitano, aprovado posteriormente em 1976, já havia previsto a preservação das parcelas remanescentes da muralha, declarada como *Bem Cultural de Interesse Nacional*, de domínio público. Originalmente, a muralha possuía 1270 km de extensão, representando o maior monumento histórico da cidade. (MONTAÑÉS, 2019).

Devido a esta diretriz, com o intuito de recuperar o acesso visual da muralha, os últimos edifícios remanescentes localizados na rua *Sotstinent Navarro* foram demolidos e, em 2012, foi suprimido o último exemplar. Os habitantes ali residentes tiveram seus imóveis desapropriados e foram realojados integralmente. Inicialmente, na área configurada a partir das demolições, a municipalidade planejava construir uma área verde, um parque municipal que permitiria a visada da muralha. (MONTAÑÉS, 2019).

Em 2017, podia-se visualizar os 50 metros que restaram da muralha e uma área

extensa liberada à sua frente, de 900 metros quadrados, que ainda se encontrava desocupada.

Figura 01: A demolição dos edifícios à frente da Muralha e fotos de Marta Coleill, no mural do Projeto *VIVIM AQUI*, na parede lateral à Muralha



Fonte: Fotos Samantha Nery

Esta ação deu início a uma série de escavações, iniciadas em finais de 2012, conduzidas pelo Serviço de Arqueologia de Barcelona, junto à Universidade de Barcelona e à Universidade de Nottingham, esta última especializada em bioarqueologia, constituindo-se um rico processo, repleto de descobertas científicas e históricas. (PLA BARCINO, 2013). As escavações, que alcançaram mais de sete metros abaixo do nível da rua, permitiram documentar diversas fases cronológicas da cidade e trouxeram outras informações inéditas - em parte porque neste espaço se localizava o fosso da muralha - possibilitando a reconfiguração de características de diferentes épocas, muito relevantes na história urbana. (PLA BARCINO, 2013; TARÍN, 2015).

A partir das descobertas foi possível redesenhar, por exemplo, o entorno da Barcelona Romana: constatou-se que a linha do mar encontrava-se mais avançada em direção à cidade do que na sua localização atual e que em alguns pontos o mar se encontrava com águas doces. Além disso, compreendeu-se que o local não era uma planície, como havia sido pensado até então, mas uma floresta espessa, com espécies como azinheiras, pinheiros e plátanos. Essa floresta foi rapidamente suprimida para dar lugar à agricultura, especialmente para o cultivo da uva, destinada à produção de vinhos. Descobriu-se ainda várias características da vida de seus habitantes, a existência de pescadores e o conhecimento sobre sua alimentação a base de ostras, sardinha, carpas em abundância e figos. (PLA BARCINO, 2013; TARÍN, 2015).

Desde outra perspectiva, relacionada especialmente à utilização dessa ampla área

resultante da demolição dos edifícios, nos últimos anos a população do bairro vem realizando inúmeras ações comunitárias no local, reivindicando que, nesse espaço livre seja construído um parque para uso dos moradores, em especial para que os alunos da escola vizinha possam se apropriar dele como sua área de lazer. Há algumas décadas, em 1944, esse espaço era o pátio da Escola *Àngel Baixeras*, localizada a seu lado, mas que teria sido desapropriado para dar lugar à construção do conjunto de edifícios que foram recentemente suprimidos. Consequentemente, os alunos perderam seu espaço de lazer.

Uma das ações centrais dos barceloneses aconteceu no marco do projeto artístico internacional *Inside Out* (2016), que propôs a elaboração de um enorme mural de fotos ao lado da muralha, intitulado *Vivim Aquí, Nós Vivemos Aquí*, constituído por 113 rostos dos moradores locais, entre crianças, pais, professores e outros moradores, representando a comunidade do bairro, revelando sua existência e suas demandas. A iniciativa foi organizada pela Escola vizinha *Àngel Baixeres*, sua Associação de Pais e outras entidades "de vizinhos", para dar voz às suas demandas relativas ao uso do espaço público, às melhorias e à sustentabilidade do bairro (BETEVÊ, 2015).

O objetivo, segundo uma moradora, seria "retornar o bairro para seus habitantes" e eles acreditam que este projeto artístico, de grande visibilidade, auxilie os grupos a efetivarem suas propostas, através de um processo participativo. Outra moradora, Patrícia Martinez, descreve que a cidade está se despersonalizando, que muitos de seus amigos estão se mudando para bairros mais tranquilos e "lojas de toda uma vida" estão desaparecendo (MERINO, 2015), como consequência das fortes pressões sofridas devido ao turismo de massa que ocorre há muito na cidade. Eulália Tubau contou que gostaria de ter nessa área "árvores, bancos, um espaço para respirar no meio do asfalto" (MERINO, 2015), em consonância com o grupo.

Como parte do processo participativo, o mural foi inaugurado em maio de 2015, com uma grande festa ao ar livre, aberta à participação popular. Paralelamente, foram realizadas outras intervenções artísticas e reuniões entre moradores e técnicos, objetivando "restaurar" a área para a comunidade.

Figura 02: Manifestação popular em frente à Muralha, com as crianças e um morador segurando um cartaz "Barcelona é o lugar mais importante do mundo para mim".



Fonte: Inside Out Project, 2016 e VIVIM AQUI, 2016.

Este caso exemplifica como as complexas questões contemporâneas das cidades normalmente trazem novas demandas em direção à construção de diferentes significados referentes ao seu patrimônio, frequentemente sustentando em seu cerne interesses conflitantes. Revela também diferentes significados atribuídos à muralha, de acordo com os diferentes atores conectados à ela: municipalidade, moradores, escola e possivelmente os turistas possuem diferentes sentimentos e desejos em relação ao uso e seu entorno. Como Riegl (1903) constatou, “não é sua destinação original que confere à essas obras a significação de monumentos; somos nós, sujeitos modernos, que à atribuímos”, ou seja, em Barcelona a destinação original da muralha e de seu entorno tem recebido novas leituras, resgatados pelos habitantes de maneira inédita.

Os valores da Carta de Burra podem ser instrumentalizados neste exemplo como forma de reflexão, revelando que esses novos usos e ressignificações fazem parte do processo histórico e devem ser acolhidos e adaptados às demandas contemporâneas. A partir da “redescoberta” da muralha, dentro da Categoria Cultural, o valor de identidade foi resgatado, pois seus habitantes se identificam com ela, a partir de sua presença visível, e a valorizam como integrante da formação histórica urbana, o que também se conecta aos seus valores científicos e históricos, ainda mais exacerbados com a supressão dos edifícios e a possibilidade de visualizar parte da muralha. Esses valores históricos e científicos foram, portanto, ampliados e reforçados, resgatando-se parcelas muito significativas da história de Barcelona e permitindo uma nova compreensão científica de muitos fatos, que

modificaram inclusive a própria narrativa construtiva da cidade, desvendando eventos e costumes até então desconhecidos. Seu valor estético e artístico, também impossibilitado de existir devido ao tamponamento da Muralha, foi resgatado ao possibilitar sua visão, como bem patrimonial ainda preservado com o passar dos séculos, o que também reforça seu valor de raridade, presente na existência de um patrimônio de antiguidade, que remonta ao século III.

Portanto, acredita-se que um dos grandes entraves deste processo se verifica a partir da sobrevalorização dos valores sócio-econômicos em detrimento dos valores socioculturais, o que é bastante frequente nesses contextos. No caso estudado, o valor social é um de seus aspectos que sofreu maior transformação, pois a muralha, que antes servia de proteção à cidade, hoje permite a abertura de um espaço público em seu entorno. No entanto, a mudança solicitada pelos moradores não coincide plenamente com os interesses do governo, que pretendia fazer neste espaço um parque aberto para turistas e habitantes, o que gerou conflitos e motivou a comunidade a realizar ações participativas. Essas são questões que apresentam relação direta com o valor econômico do patrimônio; na perspectiva da municipalidade poderia ser constituído ali um novo espaço de interesse turístico, visando retornos financeiros para a cidade.

De acordo com a imprensa, em 2017, por fim, os moradores conseguiram o que desejavam. Foi aprovada a reurbanização da área no entorno da muralha, incluindo a utilização do espaço como pátio para os alunos da Escola Àngel Baixeras, em horários estabelecidos de comum acordo entre as partes. Do total da área de 909 metros quadrados, 664 metros quadrados serão pavimentados, 91 metros quadrados se cobrirão de arenito e 140 metros quadrados serão uma área verde, incluindo ainda um depósito e um lavabo para uso escolar. As obras seriam iniciadas em julho de 2017, com previsão de término para abril de 2018. Como analisa a jornalista barcelonesa Marta Sánchez (2017, s.p.), está em curso

uma metamorfose urbanística”, representada por essas obras, “carregadas de simbologia e história que olham, 'desconfiadas para as escavações arqueológicas do Plan Barcino, que durante quatro anos trabalharam para dar valor a uma histórica fortaleza da cidade

Graças ao significativo esforço participativo, esse processo está transformando a área em um espaço público equipado e em consonância com as demandas de seus habitantes.

## O CONJUNTO SULACAP-SULAMÉRICA

O conjunto arquitetônico Sulacap/Sulamérica, implantado na área que originalmente abrigava a sede dos Correios, está localizado na região central de Belo Horizonte, na confluência da Avenida Afonso Pena com a Rua da Bahia. Projetado pelo arquiteto italiano Roberto Capello em 1941, o conjunto, em estilo *art déco*, se configurou como uma obra emblemática, característica do período em que a cidade iniciava seu processo de verticalização, expansão e adensamento das áreas centrais.

Inaugurado em 1947, o conjunto apresentava pavimentos com lojas, escritórios comerciais e, também, com apartamentos residenciais e compunha-se de dois edifícios simétricos e de uma praça central, a “Praça da Independência”. Integrado ao plano urbanístico da cidade, o projeto do conjunto extrapolava os limites do próprio terreno, buscando uma conexão com o entorno e com a paisagem. A ideia inicial era que a praça central, conformada pelos dois edifícios simétricos, tivesse a função de emoldurar o Viaduto Santa Tereza e criasse uma área de convívio no centro da cidade.

Na década de 60, o Edifício Sulamérica foi vendido e estabeleceu-se o direito de construção na área da “praça”, a partir de uma concessão que foi deliberada pela própria Prefeitura da época. Posteriormente, em 1971, o espaço livre foi descaracterizado pela construção de um anexo de dois andares, projetado pelo arquiteto Henri Friedlaender, impedindo a visão do Viaduto desde a Avenida Afonso Pena. Além da descaracterização promovida pela construção do anexo, os próprios edifícios sofreram uma série de modificações subsequentes.

Em meados da década de 70, o uso residencial dos edifícios foi relativizado, permitindo que os andares residenciais pudessem ser utilizados também como comerciais, de acordo com o desejo de cada proprietário

Esse fato indica que, àquela altura, o centro de Belo Horizonte – notadamente os quarteirões entre a Avenida Afonso Pena e a Avenida Augusto de Lima – já se firmava como local ideal para negócios, isto é, como o centro econômico da capital, o que fez com que cada vez mais as empresas buscassem instalar naquela região seus escritórios. (Projeto de Restauração do Edifício Sulamérica, 2014, p. 21)

Com o crescimento do município de Belo Horizonte em direção às regiões norte e oeste e a conseqüente saída das famílias para outros bairros da cidade, o centro foi

se tornando, por excelência, a região primordial para comércios e serviços. Assim, o processo de flexibilização do uso residencial do conjunto Sulacap/Sulamerica, aliado ao esvaziamento do centro como área de moradia, promoveram paulatinamente a descaracterização dos edifícios como núcleos de uso misto, tornando-se predominantemente, comerciais.

Devido à constatação de seu avançado processo de descaracterização e à importância do conjunto, em 2001 ele foi considerado de “interesse cultural”, e seu tombamento foi efetivado em 2015, pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural. Uma das principais medidas para sua recuperação, que integra o seu Dossiê de Tombamento, é a demolição do anexo e a devolução desse espaço público à cidade, segundo a Deliberação nº24, de 12 de setembro de 2000

- Objeto de contrapartida: a prioridade de intervenção refere-se à desapropriação e posterior demolição do anexo, e restauração dos jardins anteriormente existentes como espaço público. Em seguida, ficam estabelecidas outras medidas de importância a serem objeto de negociação, com a limpeza das fachadas, o tratamento da escadaria e questões de limpeza e manutenção. (Projeto de Restauração do Edifício Sulamérica, 2014, p.8)

No entanto, como as administrações de cada edificação são distintas e independentes, a disposição e o engajamento para a preservação e restauração do Conjunto sempre foram divergentes entre os síndicos dos edifícios, o que vêm gerando inúmeros impasses em relação às iniciativas de conservação dos bens. Além disso, devido a uma série de entraves jurídicos e econômicos, as propostas de preservação não tem se efetivado e a participação cidadã tem sido acanhada ou pouco eficaz.

Figura 03: Anexo do Conjunto e seus edifícios; projeto do Conjunto revitalizado, com a supressão do anexo.



Fonte: Foto à esquerda de Denise Capoani; foto à direita, Instagram Gabriel Azevedo, 2017

Assim como realizado no caso da muralha de Barcelona acredita-se que, para o Conjunto Sulacap-Sulamérica, alguns dos valores descritos na Carta de Burra não estejam presentes na atualidade. Na categoria cultural, os edifícios talvez ainda possuam valores de identidade para alguns grupos locais que conhecem a história dos edifícios e se identificam com eles como símbolos da cidade, mas há muitos habitantes, especialmente os mais jovens, que desconhecem o seu valor e o percebem apenas como um edifício indistinto no centro urbano.

Reconhece-se que os Edifícios possuem um significativo valor histórico, pois representam uma época de grande desenvolvimento urbano de Belo Horizonte. No entanto, seus valores estéticos e artísticos foram sendo perdidos gradativamente, com a depredação de suas estruturas, tanto internamente como externamente, em suas fachadas. A maior perda, sobretudo, foi a construção do anexo, que descaracterizou profundamente sua “essência”, vinculada à integração do Conjunto com seu entorno, em especial emoldurando a visada do Viaduto Santa Teresa e oferecendo uma área destinada ao uso público, um espaço para o desenrolar da vida social, que foi completamente suprimido com a “nova” construção.

Considerando a categoria sócio-econômica, a concepção original do Conjunto foi alterada para que se ampliassem os ganhos gerados no espaço, a partir do aumento da área construtiva. Para tanto, sua configuração original foi drasticamente modificada, gerando problemas inicialmente inexistentes, como a insegurança do local, a necessidade de instalação de gradis em diferentes pontos do espaço, a sujeira e a poluição visual – transformando o Conjunto antes considerado de vanguarda e de luxo em um bem descaracterizado e indistinto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Muralha e o Edifício Sulacap-Sulamérica demonstram em sua essência grande potencial de identificação por parte das populações locais, evocando valores de identidade, valores históricos e valores sócio-econômicos. Cada qual com sua particularidade, ambos são considerados bens patrimoniais que devem ser conservados e que sofreram impactos relevantes a partir da implantação de edificação posterior à sua construção.

No entanto, enquanto em Barcelona houve a supressão dos edifícios que impediam a visão da muralha, o que possibilitou o resgate de sua relevância para os habitantes locais, no caso do Edifício Sulacap-Sulamérica o anexo ainda presente dificulta a recuperação do caráter essencial do conjunto, uma vez que impede a visão do viaduto e o uso público de seu largo interno, como concebido em sua forma original.

Fundamental diferença ocorre também em relação à participação dos governos e, sobretudo, das populações. No caso de Barcelona, ainda que somente após quase quarenta anos o governo tenha decidido cumprir o que havia sido previsto na década de 1970, ele realizou o resgate integral das parcelas existentes da muralha e especificou o uso de seu entorno conforme as demandas comunitárias. Para tanto, forte pressão popular foi necessária, incentivando as decisões do governo, pois inicialmente sua proposta priorizava o valor econômico do patrimônio. Por sua vez, em Belo Horizonte, o poder público não tem protegido de maneira efetiva o Conjunto Sulacap-Sulamérica, além de tardar em considerá-lo um “bem de interesse cultural” e consumir seu tombamento. Apesar dessa decisão, ainda não houve nenhum movimento no sentido da supressão do anexo, tampouco de outras ações

consistentes com a proteção do bem.

Assim, em Barcelona acredita-se que a participação cidadã tenha sido fundamental para a criação de uma nova relação com o bem, visto que os moradores tomaram para si a proteção da muralha, a apropriação do seu entorno e seguem defendendo suas necessidades, em conexão com esse espaço público. Seus movimentos são criativos, vivos e dinâmicos, refletidos em festas, murais, exposições sobre suas demandas, além de manterem envolvimento direto com técnicos e poder público, em prol do êxito de sua “empreitada”. Estas ações vão ao encontro das proposições de Choay (2011), quando ela explicita que a educação, a utilização ética do patrimônio e a participação coletiva “na produção de um patrimônio vivo” são as “armas” contra a sua mercantilização. Neste sentido, a preservação da muralha e a recuperação de sua essência se efetiva sob o viés da participação cidadã, que apoiou não apenas a reconstrução de seu valor científico e histórico inquestionável. Além disso, a atuação da comunidade vem resgatando a identidade daquele bem patrimonial, atualizada no presente junto a seu valor de uso, que dialoga com as necessidades da vida contemporânea, se tornando acima de tudo um monumento vivo, partícipe de mais um “capítulo” da história barcelonesa. Esse processo reflete com propriedade o pensamento de Carsalade (2004), em que a preservação de um patrimônio se relaciona à garantia da abertura de significados e possibilidades de seu acontecimento, de vivências relativas ao bem. Complementando, de acordo com Choay

A reconquista da competência de edificar e de habitar um patrimônio contemporâneo e inovador na continuidade do antigo passa também por uma propedêutica, engajando juntamente urbanistas, arquitetos e habitantes na reapropriação e na reutilização sistemática das heranças (sítios e prédios) nacionais e locais e de suas escalas de ordenamento. [...] O objetivo é realizável sob as condições estritas de

- Dotar esses lugares de novos usos adaptados à demanda societal contemporânea;
- Renunciar ao dogma de sua intangibilidade e ao formalismo histórico da restauração;
- Saber proceder às transformações necessárias, associando o respeito do passado e a aplicação de técnicas contemporâneas de ponta. (CHOAY, 2011, p.40).

Dessa maneira, a reapropriação dos bens enseja uma adaptação contemporânea que inclua novos usos e flexibilidade suficiente para dar lugar ao formalismo que tem ocupado a área da restauração, respeitando-se o passado e, ao mesmo tempo, permitindo que o presente se manifeste e ressignifique as estruturas do patrimônio.

Situação distinta se constata no caso do Complexo Sulacap-Sulamérica, que teve extirpado seu significado e não vem recebendo novas leituras, “novas aberturas” nas últimas décadas. Ao contrário, cada vez mais criam-se gradis e limitações em seus acessos, bloqueando a utilização dos espaços pela população. Tal “afastamento” impede a atualização do Conjunto, em especial a identificação dos habitantes da cidade com o bem em questão, dificultando o reconhecimento de seu valor histórico e evidenciando-se apenas o valor econômico vigente, desde uma perspectiva não inclusiva e, portanto, excludente.

Defende-se, portanto, o resgate da essência do Edifício Sulacap-Sulamérica, buscando recolocá-lo “no jogo do presente”, de acordo com Carsalade (2004), em meio à contemporaneidade urbana. Nesse sentido, acredita-se que a participação popular seja decisiva nas tomadas de decisão quanto ao futuro dos edifícios e à renovação de seus usos, sendo necessárias etapas que incluam processos informativos, discussões coletivas e ações criativas que resgatem sua essência em meio a interesses diversos, de modo a trazer novas possibilidades de integração com os habitantes da cidade.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- BETEVE. L'Escola Àngel Baixeras reivindica el solar del carrer del Sotstinent Navarro amb un mural. 08/05/2015. Disponível em: <<http://www.btv.cat/btvnoticies/2015/05/08/lescola-angel-baixeras-reivindica-el-solar-del-carrer-del-sos-tinent-navarro-amb-un-mural/>>. Acesso em 15 nov. 2015.
- CARSALADE, Flávio de Lemos. **A Pedra e o Tempo: Arquitetura como Patrimônio Cultural**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- CARTA DE VENEZA (1964) - Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauo de Monumentos e Sítios. Maio de 1964. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>. Acesso em 20 maio de 2017.
- CHOAY, Françoise. **O Patrimônio em Questão. Antologia para um Combate**. Coleção Patrimônio. Belo Horizonte: Ed. Fino Traço, 2011.
- El Plan para recuperar la muralla romana tropieza en Ciutat Vella. **El Periódico**, Barcelona. 26 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.elperiodico.com/es/noticias/barcelona/20100526>>. Acesso em: 20 dez. 2016.
- Inside Out Project. VIVIM AQUI, Barcelona, Spain. January 2015. 113 portraits. Maio de 2015. Disponível em: <<http://www.insideoutproject.net/en/group-actions/spain-barcelona-5>>. Acesso em: 05 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.insideoutproject.net/en/group-actions/spain-barcelona-5>>. Acesso em: 05 nov. 2016.
- Instagram Gabriel Azevedo. Foto Edifício Sulacap-Sulamérica, 2017.
- JOHNSTON, Chris. Inhabiting Place: Social Significance in Practice in Australia. **ATP Bulletin**, Vol.45, no 2/3, Special Issue on Values-Based Preservation (2014), pp. 39-47.

RIEGL, Alois **O Culto Moderno ao Monumento: Essência e Gênese**. Texto interno. Trad.: Leonardo Barci Castriota. 1903.

MERINO, Olga. El Solar de les cares. 23 mai 2015. **El Periodico**. Disponível em: <<http://www.elperiodico.cat/ca/noticias/opinio/solar-les-cares-4210410>>. Disponível em 01 nov. 2016.

MONTAÑÉS, José Angel. Barcelona descubre su muralla. Unas expropiaciones en Sots-tinent Navarro destaparán 50 nuevos metros - El Consistorio obliga a que el hotel de Moneo permita el acceso al monumento. El País. 25 MAR 2019. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/2009/03/29/catalunya/1238292438\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2009/03/29/catalunya/1238292438_850215.html) 29 mar 2009>. Acesso em 02 abril 2009.

MYERS, David., SMITH, Stacie Nicole., A. SHAER, May. **Didactic Case Study of Jarash Archaeological Site, Jordan. Stakeholders and Heritage Values in Site Management**. The Getty Conservation Institute. Teaching Material. Department of Antiquities. Hashemite Kingdom of Jordan. 2010.

Pla Barcino: Carrer de Sotstinent Navarro, 12-16 i Baixada Caçador, 8. Servei d'Arqueologia de Barcelona. 19 jun 2013. Disponível em: <<http://arqueologiabarcelona.bcn.cat/intervencionsarqueo/carrer-de-sotstinent-navarro-12-16-i-carrer-baixada-bisbe-cacador-8-torres-27-i-28/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Projeto de Restauração do Edifício Sulamérica. Etapa 1. Identificação do Bem, Diagnóstico de Patologias e Proposições de Diretrizes. Belo Horizonte. Responsáveis Técnicos: Karine de Arimatéia e Sara Leal. Jun. 2014.

Sánchez, Marta. La metamorfosis del solar junto a la muralla romana de Ciutat Vella. En Metròpoli Abierta. Barcelona. 22/04/2017. Disponível em: <[http://www.metropoliabierta.com/distritos/ciutat-vella/metamorfosis-del-solar-junto-muralla-romana-ciutat-vella\\_1080\\_102.html](http://www.metropoliabierta.com/distritos/ciutat-vella/metamorfosis-del-solar-junto-muralla-romana-ciutat-vella_1080_102.html)>. Acesso em: 10 mai 2017.

TARÍN, Santiago. Barcino se habría fundado al deforestar una península boscosa que se adentraba al mar. 01/06/2015. Disponível em <<http://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20150601/54431557216/barcino-desforestar-peninsula-bosques.html> >. Acesso em: 05 março 2017.

THE BURRA CHARTER. **The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance**. Austrália. 2013. Disponível em: <<http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31.10.2013.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2017.

VIVIM AQUI. Disponível em < <https://vivimaqui.wordpress.com>>. Acesso em 10 dez. 2016.